

O INFANTIL OU O QUE NÃO SE DESENVOLVE, ENTRETANTO CRIA

Maria Regina Maciel
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo:

O protagonismo da infância tem sido ressaltado hoje. Com este intuito, o presente artigo pretende afirmá-lo a partir da noção de "infantil". Esta concepção é aqui entendida enquanto aquilo que não se desenvolve, entretanto cria. Nosso ponto de vista pode ser sustentado, principalmente, via psicanálise e seus conceitos de inconsciente e pulsão de morte. Neste sentido, a infância deixa de ser concebida como o "outro" do adulto, o que muitas vezes acabou por confundi-la com imaturidade diante de um tempo cronológico. Ela, ao contrário, passa a ser pensada fazendo parte do campo psíquico o que, por sua vez, remete a outra noção de tempo. O "infantil", portanto, liga-se ao corpo e à linguagem como condições de possibilidade de uma história subjetiva. O interessante, neste caso, é a criança que no adulto sonha e cria. A interpretação que faz Derrida dos textos freudianos, na qual estes podem servir de crítica ao *logos* e ao *fonologismo*, nos aproxima de um sujeito da escritura. Ou seja, sistema de relações entre camadas. A escritura evoca um pensamento do traço que é marcado pela diferença. Esta, por seu turno, relança a estrutura para sua abertura. A memória, neste caso, seria uma escrita que é marcada por traços diferenciais. O sistema psíquico se delinea, então, na articulação entre a excitação que se dissemina e as resistências que estas encontram para a descarga, não existindo oposição entre o registro da força e o registro do sentido. Os traços se inscrevem no psiquismo no jogo entre esses registros. Já os arquivos existentes podem ser apagados pela pulsão de morte fazendo com que novos arquivos possam ser inscritos. Assim, a repetição, essência da brincadeira, ganha uma positividade na medida em que permite fazer sempre de novo. Este texto, portanto, serve como uma crítica à noção de tempo linear e progressivo que evoca uma idéia de infância como algo menor se comparado ao adulto. A relação entre esses momentos da vida é outra. Além disto, o poder de criação do "infantil" é aqui destacado.

Palavras-chave: infantil, psicanálise, tempo, relação criança-adulto

The childish or what will not develop, however creates

Abstract

The leading role of childhood has been highlighted today. With this aim, this article intends to assert it from the notion of "childish". This concept is understood here as that what does not develop, however creates. Our point of view can be sustained, mainly through psychoanalysis and its concepts of unconscious and death drive. In this sense, childhood is no longer regarded as the "other" of the adult, which often turned out to confuse it with immaturity in face of chronological timing. Childhood, on the contrary, is thought to be part of the psychic field which, in turn, leads to another notion of time. So, the "childish" connects to the body and language as conditions of possibility of a subjective history. Interestingly, in this case is the child within the adult who dreams and creates. Derrida's interpretation of Freud's texts, in which they can serve as a critique of logos and phonology, lead us to a subject of scripture. That is, it leads us to a system of relations between layers. Scripture evokes a thought of a trait which is marked

o infantil ou o que não se desenvolve mas cria

by difference. This difference, in turn, relaunches the structure for its opening. Memory in this case would be a scripture that is marked by differential traits. The psychic system is outlined then in the joint between the excitement spread and the resistance which they encounter for discharge, without opposition between the record strength and the record of sense. The traits are inscribed in the psyche in the play between these records. The already existing files can be deleted by death drive allowing for new files can be entered. Thus, the repetition, essence of the play, reaches a positivity in that allows it to do it always anew. This paper therefore serves as a critique of the notion of linear and progressive time which evokes an idea of childhood as less if compared to the adult. The relationship between these moments of life is another. Moreover, the power of creation the "childish" is highlighted here.

Key-words: childish, psychoanalysis, time, child-adult relationship

El niño o lo que no se desarrolla y, sin embargo, crea

Resumen:

El papel de la infancia se ha destacado en la actualidad. Con esta finalidad, este artículo pretende afirmarlo a partir de la noción de "infantil". Este concepto se entiende aquí como aquello que no se desarrolla y, sin embargo, crea. Nuestro punto de vista se puede sostener, principalmente, a través del psicoanálisis y sus conceptos: el inconsciente y la pulsión de muerte. En este sentido, la infancia ya no es considerada como lo "otro" del adulto, lo que a menudo terminó confundiéndola con falta de madurez en relación con un tiempo cronológico. Al contrario, ella pasa a ser pensada como formando parte del campo psíquico que, a su vez, remite a otra noción de tiempo. Lo "infantil", por lo tanto, se conecta con el cuerpo y el lenguaje como condiciones de posibilidad de una historia subjetiva. Curiosamente, en este caso es el niño quien, en el adulto, sueña y crea. La interpretación de Derrida de los textos de Freud, según la cual estos pueden servir como crítica al *lógos* y la fonologismo, nos acerca a un sujeto de la escritura. Es decir, un sistema de relaciones entre capas. La escritura evoca un pensamiento de la huella, marcado por la diferencia. Esto, a su vez, relanza la estructura para su apertura. En este caso, la memoria sería una escritura marcada por huellas diferenciales. El sistema psíquico se describe, entonces, a través de la articulación entre la excitación que se disemina y las resistencias que éstas encuentran para la descarga, no existiendo oposición entre el registro de la fuerza y el registro del sentido. Las huellas se inscriben en el psiquismo en el juego entre estos registros. Los archivos existentes pueden ser eliminados por la pulsión de muerte, para que nuevos archivos se puedan inscribir. De ese modo, la repetición, esencia del juego, gana positividad, ya que permite siempre hacer nuevamente. Por lo tanto, este texto sirve como crítica de la noción de tiempo lineal y progresivo que evoca una idea de infancia como algo menor en comparación con el adulto. La relación entre estos momentos de la vida es otra. Por otra parte, el poder de creación de lo "infantil" es aquí destacado.

Palabras-clave: infantil, psicoanálisis, tiempo, relación niño-adulto



Introdução

A educação constitui-se numa teoria e numa prática perpassada por variados campos. Neste entrecruzamento, o protagonismo da infância vem sendo enfatizado. As experiências e as formas de viver desta denominada etapa da vida têm sido repensadas e, atualmente, mais do que nunca positivadas. Esforços também surgem no sentido de não mais conceber a infância como o “outro” do adulto. Podemos hoje dizer que há algo de “infantil” em nós, sem, necessariamente, ser isto confundido com imaturidade.

Este texto pretende explorar a noção de infantil que coexiste com a linguagem. Neste sentido, concordamos com Agambem (2005) quando a postulou enquanto uma figura de limite que ocupa o espaço do entre linguagem e experiência apontando para uma liberdade poética, por meio da atividade de brincar, capaz de liberar novos significantes no social.

Exploraremos esta noção de infantil, todavia, via psicanálise. Fundamentalmente Freud e a interpretação que faz Derrida de seus escritos. Os conceitos principais explorados serão o de inconsciente e o de pulsão de morte. Ambos, ignorando a diferença entre a intenção e a ação, ampliam a responsabilidade ética de nossas ações pois, afinal, aquilo que o sujeito deve prestar contas está além dos dados da consciência nos quais, habitualmente, a moral se apóia. Afinal, o inconsciente, não sendo regido pela mesma maneira que a consciência, ignora “a diferença entre o virtual e o real” (Derrida, 2001, p. 85) e a pulsão de morte, não sendo regida pelo princípio do prazer, nos remete à repetição. Finalizaremos o artigo com uma articulação entre essas duas noções freudianas e o brincar.

O infantil a partir dos conceitos de inconsciente e pulsão de morte

É possível estabelecer diferenças entre a concepção de desenvolvimento humano encontrada nos textos freudianos e outras concepções de autores que marcaram o campo da educação. Tanto os que sustentam uma visão desenvolvimentista progressiva do indivíduo - na qual a infância é vista como um momento precário de passagem para a idade adulta na qual se acumulam conhecimentos - quanto os que sustentam que o desenvolvimento se dá por saltos nos quais vamos mudando de estruturas cognitivas, se distanciam do que afirma Freud em seus escritos. Para este último, a vida não necessariamente descreve um movimento ascendente. Afinal, muitas vezes podemos ver mais viço no rosto de uma criança do que no de um adulto.

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) Freud adotou um referencial anátomo-fisiológico na sua elaboração da noção de zonas erógenas (certas regiões do corpo seriam consideradas predestinadas para fins sexuais, o que derivou na postulação das fases oral, anal, fálica, latência e genital). Este seu enfoque deu margem a interpretações que o julgaram reduzindo as fases psicosexuais às bases biogenéticas do comportamento, o que poderia nos fazer supor uma pré-determinação dos destinos da libido. Todavia, neste mesmo texto, podemos encontrar um acréscimo de nota de rodapé bem posterior ao ano de publicação do texto de 1905 (acrescentado em 1915, p. 188), no qual o autor afirma ter refletido mais e atribuído qualidade de *erogeneidade* a todas as partes do corpo.

Questões sobre o narcisismo auxiliaram Freud (1915a) a sustentar que o corpo, a partir da psicanálise, é um corpo fantasmático, erógeno, e não anátomo-fisiológico, o que nos permite separá-lo de uma interpretação apriorística de fases da evolução da libido. Entendemos que a noção de erogeneidade, na medida em que significa que qualquer região do corpo tem capacidade de ser fonte de uma excitação sexual, já rompe com um enfoque apriorístico. Freud se referiu a este termo ao discorrer sobre os sintomas hipocondríacos. Entendemos, então, que o corpo em psicanálise é um corpo fantasmático.



maria regina maciel

Esta visão nos possibilita afirmar que são as funções motoras, perceptivas, fonatórias, etc, que se desenvolvem. Estas, contudo, dependem do tipo de tratamento que o *Outro* dá aos estímulos internos da criança. Podemos dizer, por exemplo, que a maturação harmônica do tônus muscular depende de uma espécie de diálogo tônico estabelecido pela mãe com sua criança (JERUSALINSKY, 2007). Este diálogo captura o corpo da criança. Neste sentido, podemos dizer que o maturativo se mantém como limite, mas não como causa (do tônus apresentado, por exemplo).

Outra referencia dos textos freudianos que nos permite separa-lo de uma noção linear e progressiva do desenvolvimento, pode ser encontrada em *Mal-estar da civilização* (FREUD, 1930/1969, p. 88). Neste texto, ele sugere uma curiosa analogia do psiquismo com a cidade de Roma (no sentido de ambos preservarem lado a lado as várias etapas do desenvolvimento). Assim que esta sua sugestão aponta para uma outra forma de pensar o tempo psíquico.

Sua noção de tempo está intimamente ligada a uma concepção específica que tem a psicanálise do infantil a partir do qual surge uma noção de criança diferente do que se tinha até então. Nesta linha, uma coisa é o adjetivo infantil e outra o substantivo infância, como nos alerta Birman (1997). O substantivo infância poderia ser entendido, é bem verdade que até mesmo a partir de algumas indicações de Freud (1905), pelo eixo do tempo cronológico. Teríamos neste caso uma categoria que explicaria a causalidade das perturbações mentais pela mediação da sexualidade que se organizaria progressivamente até se dirigir ao outro e não mais ao próprio corpo da criança. E sabemos que alguns, justamente, correram o risco de assim pensar a infância, quando numa leitura rápida das fases do desenvolvimento psicosssexual de Freud, atribuíram uma visão linear e continua dessas mesmas fases.

A teoria freudiana ganha uma interpretação mais rica, contudo, quando pensamos em termos de “circuitos pulsionais”. Neste sentido, ao longo da história do sujeito, demandas corpóreas, via circuitos pulsionais, passam pelo Outro da

o infantil ou o que não se desenvolve mas cria

linguagem. E é assim que vão se regulando as produções subjetivas. Começa a se delinear o infantil do sujeito. Este estaria ligado ao corpo e à linguagem enquanto condições de possibilidade de uma história subjetiva. O infantil, portanto, se refere à insuficiência fundamental (derivada de nosso desamparo ao nascermos, por exemplo) que obriga o sujeito a historicizar-se, via campo do Outro, para que a vida, até mesmo do organismo, seja possível (BIRMAM, 1997).

Estamos, portanto, ampliando a noção de infância. Ela se desloca do registro genético e cronológico para o do funcionamento psíquico. É neste ponto que podemos nos referir à passagem da “infância” para o “infantil”. Há um infantil no psiquismo que não se dissolveria na infância cronológica do sujeito, evocando um outro tempo que não somente o cronológico. Com sua noção de criança, apoiada na noção de infantil conforme discutida acima, a psicanálise nos lembra da criança que há no adulto. O interessante, neste caso, é a criança que no adulto sonha e cria. O texto representativo de Freud para tal questão é “Escritores criativos e devaneios” (FREUD, 1908/1976, p. 149). Neste texto ele escreve:

todos, no íntimo, somos poetas... A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brincar ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade?.

Para Freud, então, o brincar põe o desejo em movimento. No jogo do *fort-da* (FREUD, 1920), por exemplo, vemos que a criança repete a ação com o carretel para elaborar o traumático da separação com a mãe. É repetindo histórias e brincadeiras que vamos tentando dominar as excitações que nos ameaçam.

Este infantil, que se encontra também no adulto, pode ser pensado tanto a partir do conceito freudiano de pulsão quanto a partir de sua postulação do inconsciente. O inconsciente atemporal (FREUD, 1915a/1974, p. 214) e a pulsão sem objeto pré-determinado (FREUD, 1915b/1974, p. 143) nos remetem a algo que sempre escapa a uma apreensão, quer moral quer verbal. Remetem-nos àquilo que,



como diz a famosa música de Chico Buarque: “...não tem governo, nem nunca terá. O que não tem juízo...”.

Das sucessivas interpretações do texto freudiano, uma nos chama a atenção e nos auxilia a embasar mais essa noção de infantil conforme queremos afirmar: um infantil que não se desenvolve, mas que é, sobretudo, remetido à nossa capacidade de permanente criação. Essa interpretação é a que nos apresenta Derrida. Este autor, inserindo-se numa crítica, própria do século XIX, à tradição metafísica marcada pelo *logocentrismo* e pela *episteme*, critica o que chama de imperativo da presença. Entende-se tratar-se, neste caso, da presença imediata do ser na alma como consciência.

O discurso freudiano seria, neste caso, uma crítica aos pressupostos da filosofia do sujeito da consciência. Entretanto, isto não quer dizer que o sujeito se deslocaria da consciência para o registro do inconsciente, constituindo-se num *sujeito do inconsciente*. Ao contrário: “o sujeito da escritura é um *sistema* de relações entre camadas: o bloco mágico, do psíquico, da sociedade, do mundo. No interior desta cena, é impossível encontrar a simplicidade pontual do sujeito clássico” (DERRIDA, 2011, p. 332)

Para Derrida, a tradição metafísica seria fundada tanto pela presença imediata da coisa na consciência quanto pela referência ao *logos* e ao *fonologismo*. No que diz respeito a esta última referência, ele afirma que a lingüística moderna estaria alicerçada nos pressupostos da tradição metafísica da voz - esta expressaria imediatamente o estado da alma. Afinal, pela mediação da voz o ser se colocaria efetiva e imediatamente como presença. Ela seria, assim, a produtora dos primeiros símbolos tendo, então, uma proximidade imediata com a alma. Ao contrário desta tradição, ele vai ressaltar o valor da escritura.

Por escritura entendemos todas as modalidades de escrita que sejam fundamentalmente *não-fonéticas*. A linguagem dos sonhos, no qual “o sonhador inventa a sua própria gramática... não havendo texto prévio” (DERRIDA, 2011, p. 307), trabalhada por Freud na “Interpretação dos sonhos” (1900), seria um exemplo

privilegiado do que Derrida quer dizer ao se referir à escritura. O que este último autor pretendeu destacar com isto foi que a escritura evoca um pensamento do traço.

Conforme nos esclarece Birmam (2007), o pensamento do traço não comporta uma estrutura estática e a-histórica (conforme tradicionalmente concebida pelo estruturalismo), posto que o texto seria aquilo que excederia a estrutura. Entendemos, então, que conceber o inconsciente como um texto, não é o mesmo que pensa-lo a partir do modelo da linguagem falada. Diferentemente disto, o texto inconsciente se refere a uma abertura da estrutura para o que lhe é *outro*. Desta forma, este texto seria marcado pela alteridade, relançando a estrutura, então, numa temporalidade marcadamente histórica. Ou seja, a “estrutura” do inconsciente seria marcada pela *diferença* (promovida pela seqüência diferencial de novos signos, a diferença relança a estrutura para sua abertura).

Em outros termos, Derrida assume o pressuposto teórico enunciado desde Freud de que a problemática da memória seria fundamental na constituição do psiquismo. Sem ela o psiquismo não existiria. Entretanto, a memória seria uma escrita que, por seu turno, é marcada por traços diferenciais. Em outras palavras, ao nos referirmos à memória, estamos falando de uma rede de marcas escriturais que definiria a constituição e a produção de sentidos, através desses traços diferenciais. Derrida coloca, então, a dimensão escriturária do inconsciente em primeiro plano.

Assim que, apesar de reconhecer a tradição metafísica e logocêntrica de Freud, Derrida reconhece também ser possível perceber nele um percurso que se insere nas noções de traço e escritura. Concebendo o inconsciente a partir dessas noções, a postulação freudiana de neurônios que oporiam grades de contato à quantidade de excitação - oferecendo uma possibilidade de se representar o fundamental do psiquismo que é a memória (FREUD, 1895) - constituiria um sistema de diferenças que produzem, como já mencionado, *traços*. Estes dizem respeito, também, às primeiras inscrições das percepções que são constituídas por



associações simultâneas, memória inconsciente, incapaz de serem acessadas pelas representações verbais da consciência.

Estamos nos referindo, neste caso, a um sistema psíquico que se delinea na articulação entre a excitação que se dissemina e as resistências que essas encontram para a descarga. Derrida compara o aparelho psíquico a uma “máquina de escritura”. É a partir de um texto freudiano denominado “Notas sobre o bloco mágico” (1925), que esta máquina é entendida como a de escrever conforme Freud nos sugere ao escolher um brinquedo infantil análogo ao aparelho psíquico. Este funcionaria como um brinquedo voltado para a escrita no qual “a tabuinha de cera representa efetivamente o inconsciente” (DERRIDA, 2011, p. 329).

Neste último texto freudiano citado, encontramos uma interessante descrição do aparelho psíquico funcionando como este brinquedo infantil no qual o psiquismo é entendido como ordenado em diferentes camadas, no qual cada uma delas seria produzida como um registro diferente da escritura. Afinal, o aparelho psíquico evoca uma cena na qual “são necessárias pelo menos duas mãos para fazer funcionar o aparelho, e um sistema de gestos, uma coordenação de iniciativas independentes, uma multiplicidade organizada de origens” (DERRIDA, 2011, p. 331). A sua intenção é afirmar, enfim, que em Freud, diferentemente do que se passa na tradição logocêntrica, não existiria oposição entre o registro da força e o registro do sentido. Afinal, os traços se inscrevem no psiquismo no jogo entre esses registros, no jogo entre as forças disseminadas e as resistências produzidas, ou mesmo, no jogo entre interno e externo.

Ao longo de seus escritos, são diversas as referências de Derrida a Freud. Num de seus livros, Derrida (2001) considera um outro conceito de Freud que não apenas o do inconsciente e o do aparelho psíquico. Refere-se, então, à pulsão de morte como um mal de arquivo. Afinal, ela apagaria os arquivos existentes para que novos arquivos pudessem então ser inscritos. A pulsão de morte levaria ao imperativo da escritura como forma de afirmação da vida. Desta forma, podemos conceber uma positividade na pulsão de morte. Com ela, o futuro está sempre em

o infantil ou o que não se desenvolve mas cria

aberto posto evocar um por-*vir* “não apenas não-conhecido, mas também *não cognoscível enquanto tal*” (DERRIDA, 2001, p. 92).

Vale esclarecer que a pulsão a partir de Freud pode ser pensada levando em consideração duas regiões: o aparelho psíquico (região a que nos referimos ao trabalharmos a noção de inconsciente em Freud, tradicionalmente concebido enquanto lugar da ordem, espaço da representação e regido pelo princípio do prazer e princípio da realidade) e o além do princípio do prazer (além da ordem, da rede de significantes e dos dois princípios anteriormente afirmados).

A segunda região acima citada foi apontada por Freud, pela primeira vez, em 1920 (FREUD, 1920/1976) quando a introduz enquanto um esforço inerente ao organismo vivo de reprodução de um estado anterior. Já em 1930 (FREUD, 1930/1969), à pulsão de morte é acrescentada a concepção de seu caráter não erótico, de destruição.

Freud afirma ser a pulsão de morte independente da sexualidade e silenciosa. Ele nos dá margem para concebê-la como produtora de diferenças. Isto, ao contrário da pulsão de vida (e de parte da pulsão de morte que pode se ligar a ela) em sua capacidade de representação, tendência à unificação e indiferenciação. Assim sendo, a pulsão de morte em Freud pode ser pensada enquanto princípio que nos possibilita novos começos.

A título de conclusão ou brincar permite criar

Saindo dos temas metapsicológicos, vejamos o que nos diz Freud sobre o lúdico. Ele nos sugere que o brincar permite criar. Isto, tanto no texto “Escritores criativos e devaneios” quanto nas suas referências ao jogo do *fort-da*. No primeiro texto afirma que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma. Na segunda referência, nos remete à sua observação de uma criança de um ano e meio que, após chorar compulsivamente ao ver sua mãe se afastando de casa, toma um carretel de linha, joga e puxa, repetidas vezes, numa tentativa de elaboração da saída de sua mãe para o trabalho. Ao jogar o carretel,



maria regina maciel

Freud escutava que ela falava “fort” (equivalente ao nosso português “bora” abreviando “foi embora”) e ao puxar o carretel falava “da” (equivalente ao nosso português “tou” abreviando “voltou”): foi embora, voltou, foi embora, voltou....

Um outro autor que nos permite explorar ainda mais esta idéia do brincar atrelado à questão da criação é Benjamim (1994). Para ele, o jogo é libertação e não sujeição. Para assim pensar, curiosamente, ele fez referencias a Freud e sua noção de pulsão de morte. Nas palavras de Benjamim (1994, p. 252):

Enfim, esse estudo deveria investigar a grande lei que, além de todas as regras e ritmos individuais, rege o mundo da brincadeira em sua totalidade: a lei da repetição. Sabemos que a repetição é para a criança a essência da brincadeira, que nada lhe dá tanto prazer como “brincar outra vez”. A obscura compulsão de repetição não é menos violenta nem menos astuta na brincadeira que no sexo. Não é por acaso que Freud acredita ter descoberto nesse impulso um “além do princípio do prazer”. Com efeito, toda experiência profunda deseja, insaciavelmente, até o fim de todas as coisas, repetição e retorno, restauração de uma situação original, que foi seu ponto de partida.... A criança recria essa experiência, começa sempre tudo de novo, desde o início.... A essência da representação, como da brincadeira, não é “fazer como se”, mas “fazer sempre de novo”, é a transformação em hábito de uma experiência devastadora.

Querendo justificar o título do artigo, nos alicerçamos nas noções de inconsciente e pulsão de morte em Freud. Neste sentido, vimos que “o infantil não se desenvolve” (posto se remeter ao inconsciente e ao fato deste estar presente também no adulto ou em qualquer momento de experiência de vida) “mas cria” (posto podermos atribuir uma positividade a ele e à pulsão de morte). Afinal, aqui não estamos entendendo nem o inconsciente como o recalcado nem a pulsão como ligada à repetição do mesmo, como comumente costumam ser entendidos.

Neste sentido, pensamos que no processo analítico é um “infantil” criativo que está em jogo. Assim, o processo analítico pode ser comparado a um *playground* como Freud mesmo sugeriu (Freud, 1914/1969, p. 201). Este termo foi por ele utilizado quando se referiu à transferência estando no centro do trabalho de

manejo do analista e da produção de novos sentidos do analisante. A transferência foi entendida como sendo o espaço da brincadeira, o *playground* no qual o paciente pode atuar e elaborar o que não recorda ou o que, compulsivamente, repete.

Freud constituiu-se no autor de referência deste texto. Mas Agamben (2005) e Derrida (2001 e 2011), em certa medida, também participaram. Afinal, foram autores com quem dialogamos. De Agamben nos alicerçamos no ponto de vista no qual a infância pode ser pensada como uma figura de limite que ocupa o espaço do entre linguagem e experiência. De Derrida também nos deslocamos para o lugar do entre. Todavia, sua referência à pulsão de morte nos pareceu apontar ainda mais para os limites da linguagem do que havia apontado Agamben.

Referências Bibliográficas

- Agamben, G. - **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte, UFMG, 2005.
- Benjamin, W. - "Brinquedo e brincadeira - observações sobre uma obra monumental" em **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. SP, Brasiliense, 1994.
- Birmam, J. - Além daquele beijo!? - sobre o infantil e o originário em psicanálise em Santa Roza, E. e Reis, E. (Org.) **Da análise na infância ao infantil na análise**. Rio de Janeiro, Contracapa, 1997.
- Birmam, J. - "Escritura e psicanálise: Derrida, leitor de Freud", **Natureza Humana**. São Paulo, v. 9, n. 2, dez. 2007.
- Derrida, J. - "Freud e a cena da escritura" em **A escritura e a diferença**. São Paulo, Perspectiva, 2011.
- Derrida, J. - **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.
- Freud, S. - Projeto para uma psicologia científica (1895) em **Obras completas**, vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- Freud, S. - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) em **Obras completas**, vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- Freud, S. - "Escritores criativos e devaneios" (1908) em **Obras Completas**, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Freud, S. - "Recordar, repetir e elaborar" (1914) em **Obras Completas**, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, 1969.
- Freud, S. - "Introdução ao narcisismo" (1915a) em **Obras completas**, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- Freud, S. - "O inconsciente" (1915b) em **Obras completas**, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.



maria regina maciel

- Freud, S. - "Os instintos e suas vicissitudes" (1915c) em **Obras completas**, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- Freud, S. - "Além do princípio do Prazer" (1920) em **Obras completas**, vol XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Freud, S. - ""Notas sobre o bloco mágico" (1925) em **Obras Completas**, vol. XIX . Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Freud, S. O mal-estar na civilização (1930) em **Obras completas**, vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1969.
- Jerusalink, A. e all. - **Psicanálise e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2007.

Recebido em: 14/05/2001

Aceito em: 02/09/2011